

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
28 e 30 de Setembro de 2021
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

FEU SACRÉ / 1942

Um filme de Maurice Cloche

Argumento: Pierre Rocher, Maurice Cloche e Roger Vitrac (diálogos de Vitrac) / *Imagem* (35 mm, preto & branco): Léonce-Henri Burel / *Cenários:* Jean Douarinou / *Figurinos:* Marcel Escoffier / *Música:* Jean Marion (canções), Yves Baudrier (música de fundo) / *Montagem:* Jean Sacha / *Som:* não indicado no genérico / *Interpretação:* Viviane Romance (*Paulette Vernier*), Georges Flamant (*André Brugnaire*), Franck Villard (*Jean Delmas, o pintor*), Marthe Sabel (*Marceline, a tia de Paulette*), Edouard Delmont (*Papa Bricard, o sapateiro*), Catherine Perry (*La Régina, a vedeta*), Lucien Callamand (*Beauvais*), Robert Sidonac (*Monsieur Édouard*), Anthony Carretier (*Pons, o realizador*), Nicolas Amato (*o professor gago de arte dramática*) e outros.
Produção: Production Artistique Cinématographique / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 87 minutos / *Estreia mundial:* 12 de Novembro de 1942 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Viviane Romance (1912-91) foi o grande *sex-symbol* do cinema francês dos anos 30 e 40, a *vamp* por excelência (Ginette Leclerc, outra especialista nestes papéis, nunca foi uma *star*) e esta imagem ainda foi ampliada por alguns elementos da sua vida privada, como o seu temperamento impulsivo e sobretudo o facto de ter sido destituída do título de Miss França aos dezoito anos quando foi revelado que estava grávida, embora fosse solteira, pois ser *fille mère* em 1930 era um verdadeiro estigma. Em parte por isso, Viviane Romance especializou-se, ou melhor, especializaram-na em papéis de prostituta ou/e de “cabra” oportunista, inclusive em filmes excelentes como **La Belle Équipe**, de Julien Duvivier ou **L'Étrange Monsieur Victor**, de Jean Grémillon. A sua imagem no écran não se destinava a suscitar fantasias afetivas, mas exclusivamente fantasias eróticas, pois era muito pouco frequente que nos filmes que fazia um coração generoso batesse por debaixo dos seus vantajosos decotes (neste sentido, **Feu Sacré** é uma exceção na sua filmografia). Como a de qualquer *sex symbol*, a sensualidade que Viviane Romance transmitia era deliberadamente óbvia, nada discreta ou sutil e quando devido ao ultraje dos anos ela não pôde mas representar estes papéis perdeu o seu estatuto de vedeta. Foi possivelmente por isto que, consciente da imagem que fizera o seu êxito junto ao público, ela própria produziu em 1949 um filme em que faz o papel de uma prostituta que sonha com um grande amor (**Maya** de Raymond Bernard) e não deixa de ser significativo que a sua última e breve aparição no cinema, em **Nada** (1974), de Claude Chabrol, tenha sido no papel da *madame* de um bordel de luxo. Talvez por isso as suas memórias, publicadas em 1986, se intitulem *Romantique à Mourir*. Quanto a Maurice Cloche, o realizador de **Feu Sacré**, especializar-se-ia de meados dos anos 40 a meados dos 50 em filmes sobre temas católicos, literalmente paroquianos, o mais conhecidos dos quais, o hoje esquecido **Monsieur Vincent** (1947), sobre a vida de São Vicente de Paula, teve à época enorme êxito e funcionou como um verdadeiro escudo ideológico.

A fama de Viviane Romance estava no auge quando **Feu Sacré** foi realizado e o filme é um *star vehicle*. Segundo algumas fontes, ela teria inclusive colaborado na redação do argumento. Este é sem dúvida muito próximo do cinema americano, com a sua estrutura num longo *flashback* e o tema da ascensão de uma vedeta, relativamente raro em França, mas que constituía um autêntico subgénero em Hollywood. O genérico de início e o de fim, bem concebidos e realizados, tomam a forma de anúncios luminosos

em néon, como se estivéssemos numa espécie de Times Square, de modo a abolir a fronteira entre o filme que vamos ver e o filme que os personagens do filme acabam de ver. Como poderá constatar o espectador, desde os primeiros minutos de **Feu Sacré** (e sobretudo nos primeiros quinze minutos, sem dúvida os menos convincentes em todos os aspectos), quando o seu personagem ainda é uma “quase criança” ingénua, os dotes de atriz de Viviane Romance eram bastante limitados. E também o seu personagem tem capacidades intelectuais e cénicas bastante reduzidas, pois fracassa em tudo o que tenta, inclusive nas suas primeiras incursões a um palco (curioso pormenor: a morada de um dos empregos onde ela se apresenta é uma *rua Maréchal Pétain...*). Não há de ser por acaso que ela conhece o seu futuro mentor quando acaba de dar um tropeção e está com a cara tapada e toda a metade inferior do corpo tão à mostra quanto possível. Mas apesar de ter diante de si tanta carne exposta, o homem (Georges Flamant, que tem uma extraordinária presença no papel do proxeneta em **La Chienne** de Jean Renoir e era então marido de Viviane Romance) porta-se como um *gentleman* e encaminha-a para o gabinete do diretor do teatro, que está visivelmente interessado nas carnes da mulher, inclusive como moeda de troca com os produtores que financiam os seus espetáculos. Na sequência em que Paulette Vernier/Viviane Romance tem o seu primeiro contacto (salvo seja) com o seu grande amor, o pintor, os argumentistas estabelecem um contraste nítido entre o puro desejo carnal do homem e o idealismo sentimental da mulher: ele interessa-se por ela no propício espaço da escuridão de um cinema, mas ela nem se dá conta disso, de tal modo está comovida com a cena final de **A Dama das Camélias** com Greta Garbo, que no entanto, como todos os filmes americanos, estava proibido em França quando **Feu Sacré** foi distribuído. O homem tem inclusive uma réplica maliciosa: “*É Greta Garbo que a deixa neste estado?*”, estando subentendido que ela não ficou “naquele estado” devido à presença dele, real, carnal e masculina.

Seguindo o modelo narrativo americano, o argumento leva em conta variados aspectos do périplo do personagem, nos palcos e nos bastidores: os começos pouco gloriosos, a sua incompetência em fazer o que lhe cabe, ao ponto de ser incapaz de não entrar atrasada em palco, a solidariedade das outras coristas, a pretensão caricata da vedeta, a vingança mesquinha do contra-regra a quem ela se recusa, os árduos exercícios para aprender o seu ofício e a ideia, tão típica do cinema americano, de que o espetáculo não pode parar e ela tem de entrar em cena, sorridente, minutos depois e de receber a notícia do falecimento do avô. Os números de palco, típicos de um teatro de revista, são filmados com uma certa modéstia, sublinhando que tudo se passa efetivamente num palco, sem tentativas de ampliar as coreografias com efeitos puramente cinematográficos (a dada altura, há uma *plongé* absoluta e o espectador fica à espera de efeitos caleidoscópicos à Busby Berkeley, mas isto acaba por não acontecer, pelo menos na cópia que vamos ver). Nos dez minutos finais a ação se precipita e Paulette Vernier que, por mais que tentasse, nunca dera certo num palco, torna-se vedeta graças ao cinema, tal como Viviane Romance. Sob todos os aspectos, do argumento às soluções visuais, o desenlace é o momento mais conseguido do filme. Um *raccord* levamos num átimo do estúdio de rodagem à noite de gala em que o filme é estreado, quando a vida e a arte se encontram: o par se reencontra e a conclusão é dada pelo título do filme no filme: **O Coração Triunfa... Feu Sacré** é um interessante objeto cinematográfico em si que, talvez involuntariamente, ofereceu aos espectadores da França ocupada a possibilidade de ver um filme de teor “americano”, num período que os filmes americanos estavam interditos em França.

Antonio Rodrigues